



Aposentado, Sérgio de Oliveira ainda opera 10 horas por dia

No dia em que recebeu o *Jornal SBC* para falar da aposentadoria, o professor **Sérgio Almeida de Oliveira** levantou antes das 6 horas da manhã para fazer aeróbica, musculação e alongamento: “ou a gente alonga, ou não agüenta o dia inteiro de pescoço contraído, a cabeça numa posição forçada, durante as cirurgias”, e foi para o InCor fazer uma recuperação de coronária. Em seguida, na Beneficência, trocou duas válvulas do coração de uma senhora, correu para outra sala onde trocou também duas válvulas, a aorta, e fez três coronárias, operação de mais de três horas, usando coração artificial.

No final das cirurgias que o mantiveram por 10 horas em pé, operando, ele foi passar visitas e, com semblante descansado, finalmente sentou para dar a entrevista e pediu desculpas pelo cartão que deu ao jornalista: “ainda é o antigo, não tive tempo de fazer os novos, com o título de professor emérito...”.

Aposentado pela compulsória, Sérgio A. de Oliveira espera trabalhar mais 15, talvez 10 anos, e participar das grandes transformações que se anunciam na medicina. “A evolução é muito rápida, já não se opera tuberculose pulmonar. As lesões cardíacas provocadas pelo reumatismo também diminuíram consideravelmente”, diz ele, “essa tendência continua, fazendo com que o cirurgião se dedique mais às lesões cardíacas complexas e as lesões degenerativas”.

Ele lembra que quando começou a operar com o professor Zerbini, “encarávamos com extremo cuidado um paciente com 60 anos, um velho, na ocasião, mas com o passar do tempo pacientes acima de 70 e 80 anos viraram rotina e os nonagenários começam a ser tratados”.

É o cliente que fecha

Sérgio de Oliveira lembra que seu pai, médico também, trabalhou até os 87 anos, e repete o aforisma: não é o médico que fecha o consultório, é o paciente, quando deixa de procurar o médico. E no caso dele, a frequência ao consultório está aumentando, já que dedica mais tempo para sua clínica privada.



Formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1960, trabalhou com o professor Alípio Correia Neto, no HC, onde prestou concurso em 1965, fez doutorado, chegou à livre-docência em 1975 e em 2000 tornou-se titular de Cirurgia Torácica e Cardiovascular da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Ao longo de seu trabalho na USP, ficou 15 anos com o professor Zerbini, depois com o professor Adib Jatene, que viria a substituir, e conviveu muito com o professor Decourt. Essa “sorte” de aprender e conviver com os maiores cirurgiões lhe permitiu que em 1979 montasse sua própria equipe, na Beneficência Portuguesa, que, ao longo de 25 anos, operou à enormidade de 34 mil pacientes.

Casado e com três filhos, um dos quais residente de cirurgia no InCor, Sérgio de Oliveira acompanhou dentro do casamento o surgimento de uma nova especialização, pois sua esposa, psicóloga, atuando em psicologia hospitalar na área de Cardiologia, foi uma das fundadoras dessa área na Socesp. E para completar o que chama de carreira feliz, há dias o professor recebeu o título de “Sócio Benemérito da Beneficência”, que valoriza extremamente.

“Receita” de cirurgião

Para ser cirurgião, ensina Sérgio de Oliveira, é preciso gostar muito, e dedicar-se plenamente, nunca deixando de se atualizar. “A gente aprende sempre, inclusive com os alunos, a extensão do conhecimento é tão grande que não se pode ser autoridade em todos os assuntos”. E arrisca dizer “que a medicina que aprendi na faculdade não existe mais”.

As cardiopatias congênitas são, cada vez mais, operadas durante o primeiro ano de vida, opera-se cada vez mais pacientes idosos com doenças degenerativas. Espera-se que o desenvolvimento dos corações mecânicos, assim como do xenotransplante, de animais geneticamente modificados, possam, nos próximos anos, resolver muitos dos problemas de transplantes cardíacos. Tem também o campo das células-tronco, como tratamento coadjuvante na cardiopatia isquêmica. Trata-se ainda de trabalho experimental, mas com grande potencial para o futuro. A cirurgia no infarto agudo do miocárdio foi sendo substituída pelo emprego dos agentes trombolíticos e pela angioplastia, que podem ser aplicados mais rapidamente. A cirurgia, por sua vez, tem lugar importante no tratamento das seqüelas do infarto do miocárdio, no tratamento da angina ou da insuficiência cardíaca.

E esse aprendizado constante ao longo das décadas, essa experiência acumulada, o professor Sérgio A. de Oliveira vai passando adiante. “Em cinco anos como titular, sete médicos obtiveram o título de professor livre-docente e 36 médicos obtiveram o título de doutor em Cirurgia Torácica e Cardiovascular. Neste mesmo período, 75 trabalhos foram publicados em revistas internacionais indexadas,” conclui ele. É esse trabalho em prol da cardiologia que justifica o título de “professor emérito” e o novo cartão de visita que, logo que tenha tempo, o professor Sérgio de Oliveira vai encomendar.